

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea quæ sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiæ... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — SECÇÃO DOCTRINAL: *Cruz e Espada*, pelo ex.^{mo} snr. Emygdio Navarro. — SECÇÃO CRITICA: *O Abbade Carron*, pelo rev.^{mo} snr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; — *Lourdes!* pelo ex.^{mo} snr. S. M.; — *Recordações!* pelo ex.^{mo} snr. Dom Antonio d'Almeida. — SECÇÃO LITTERARIA: *A Milicia Christã* (2.^a parte), pelo rev.^{mo} snr. dr. José Rodrigues Cosgaya. — SECÇÃO ILUSTRADA: *S. Joaquim, pae da Santissima Virgem*; — *A ceia do Senhor*. — RETROSPECTO.

Gravuras: *S. Joaquim, pae da Santissima Virgem*; — *A ceia do Senhor*.



S. JOAQUIM, PAE DA SANTISSIMA VIRGEM

SECÇÃO DOCTRINAL

Cruz e Espada

Discurso pronunciado pelo sr. Emygdio Navarro no sarau em auxilio das Missões Ultramarinas

(2 DE MARÇO DE 1898)

Minhas senhoras; meus senhores:—

Da illustre commissão de damas e cavalheiros, que promoveu a realisação d'esta festa, recebi convite para n'ella dizer algumas palavras a respeito da *Missão auxiliar ultramarina*, a quem é dedicada. Aceitei sem hesitar o convite, sem nenhuns assomos de vangloria e amor proprio, e menos ainda pela honra, que d'ella recebo, apesar de inapreciavel, do que pelo dever de não me esquivar a uma affirmação de principios, que traduz a mais intima consciencia das minhas convicções.

Tenho de ser breve, porque a divisaõ dos numeros d'este sarau não se compadece com as larguezas d'uma conferencia; e tenho de ser tambem superficial, por não caber no tempo profundar devidamente o assumpto. N'esta mesma casa dissertou ainda ha pouco sobre missões o sr. Bispo de Meliapor. Muitos dos presentes o ouviram, o que constitue um confronto duplamente desfavoravel para mim. Mas as reminiscencias da voz auctorizada e eloquente do illustre Prelado servirão ao menos para supprir as deficiencias da minha exposiçãõ, a que nem ousou chamar discurso.

Outro motivo para ser breve é que a attenção dos circumstantes naturalmente esvoaça esta noite para melhores deleites do ouvido. Além d'isso, tem ainda de fallar o sr. José de Alpoim, e nem eu me poderia perdoar, nem o auditorio por certo me perdoaria, se, tendo eu usurpado o primeiro logar por simples privilegio de idade, confiscasse em meu principal proveito o tempo disponivel, que mais de direito pertence á palavra prestigiosa e quente do insigne orador e meu amigo.

N'este meu sincero desejo de não fatigar muito o auditorio, mais do que nunca sinto que a minha voz não seja o escrinio de todas as joias, a scintillação de todas as estrellas, e o perfume de todas as flôres; porque, se o fosse, n'um só minuto, espargindo essas oudas de luz e de fragrancias, teria dito tudo, e á devida altura do assumpto.

Muito a molde trago o nome do sr. José de Alpoim, porque além da homenagem que devia prestar-lhe, elle me dá o primeiro argumento para a minha demonstração.

Eu sou um conservador impenitente. Impenitente e relapso! Creio tambem, que já ando um pouco suspeito de beaterio e jesuitismo. O sr. José de Alpoim, esse, é um democrata, tambem impenitente, que ainda não esmoreceu; e embora elle tenha, como supponho, as crenças religiosas, que entram por boa parte nas tradições da sua familia, é certo que a sua reputação ainda não foi inquinada por suspeitas d'um mysticismo exaggerado. E, todavia, aqui vimos ambos, reunidos no mesmo pensamento, aquecidos no mesmo enthusiasmo, em serviço da mesma causa. Prova isto—e é o que pretendia frisar—que ainda partindo-se de campos differentes, e até representando polos oppostos, é possivel formar-se uma corrente commum, e alcançar-se um unisono de esforços uteis, quando os corações se abrem honradamente para um ideal de regeneração, quando os espiritos despertam lealmente para uma visão de patriotismo.

Oxalá podesse haver entre todos a mesma concordancia para as questões vitæes, que mais profundamente nos interessam!

Essa concordancia, em assumpto de missões, é hoje a orientação predominante em todos os paizes: nos republicanos, como a Suissa e a França, do mesmo modo que nos monarchico-liberaes, como a Inglaterra e a Belgica, ou nos cesaristas como a Allemanha e a Russia. Todos elles protegem os institutos das missões, como sendo dos mais poderosos elementos de expansãõ e de progresso nacionaes. E quando as missões são femininas, como n'este nosso caso que hoje celebramos, mais cresce a protecção e o respeito, porque mais puramente se affirma a propaganda da eternal verdade e da justiça universal.

Em França, é grande o numero d'estas santas senhoras, que o governo da republica tem condecorado com a Legião de honra. E essas condecorações são sempre de merito indiscutivel. O que nem sempre acontece ás outras. Uma lufada de velhas ideias jacobinas passou por aquelle paiz, não ha muitos annos, despedaçou as portas de muitos conventos—que se vão reconstruindo; expulsou os religiosos das suas casas—que se vão repovoando; dispensou os serviços hospitalares das piedosas senhoras—que de novo são julgados indispensaveis; e arrancou os crucifixos das casas das escolas officiaes—que ainda estão nuas d'esse emblema e privadas do ensino, que n'elle se symbolisa. Mas o instituto de S. José de Cluny, casa-mãe das irmãs das missões, esse, foi inviolavel. Nem os mais exaltados radicaes ousaram tocar-lhe

e ninguem pediu o seu encerramento e dispersão. E' que está ali uma das forças da França, que o é tambem de todos os paizes cultos, e que teem propaganda civilisadora. E' que ali se gera, se prepara e se depura, fóra das paixões dos partidos, independente dos interesses meramente politicos e mercantis, acima de considerações exclusivamente terrenas, a luz das missões, que se irradia pelo mundo:—por toda a parte onde as trevas do entendimento uivam, por toda a parte onde os soffrimentos do corpo choram!

A democracia portugueza não pode repudiar o que a democracia franceza protege, o que a democracia universal applaude.

E olhando por mais largo, nem se comprehende que em nome da liberdade, que todas as associações consente, se prohibam as associações religiosas, de que os institutos de missões são uma formula, e que em nome da democracia se condemnem organisações, que são essencialmente democraticas na sua constituição e no seu viver. Democratizar é nivellar?... Pois seja. Mas ha duas formas de nivellar: ou rebaixando, ou alteando. Ou abatendo todas as grandezas aos sentimentos rudes e á vida grosseira, ou e'evando as classes inferiores á pratica das virtudes, que mais enobrecem. Um será talvez democracia... mas pela decadencia; o outro é sem duvida democracia pela nobilitação dos caracteres, pela purificação dos espiritos, e pelos progressos da humanidade. E' esta a democracia, que eu defendo.

E n'isso, as irmãs das missões, legião da Cruz, são democracia benemerita, como o são os nossos soldados, exercito da bandeira nacional. Nas recentes campanhas de Africa, todas as classes tiveram os seus heroes. Desde Marracuene, o lendario e inolvidavel quadrado, rôto e refeito nas trevas da noite sob o fogo do inimigo, facto militar sem precedentes, e onde tão alto se manifestou a serenidade e o valor militar de Caldas Xavier e de outros officiaes nossos, até á correria vertiginosa do segundo combate de Maconténe, onde o Maguiguana expirou aos pés de Mousinho, n'um ultimo arranco de protesto indomito; em toda essa brilhante epopeia, que é no presente o melhor conforto para as nossas amarguras: fidalgos, burguezes e plebeus, germanaram-se nos mesmos heroismos confundidos nas côres do mesmo uniforme. Mousinho de Albuquerque é a personificação mais illustre d'essa synthese gloriosa; mas, entre outros, o cabo Epiphanio da Matta, que no combate de Ibrahim, isolado em vedeta, cercado de namarraes, se conservou por largo espaço sem arredar pé fazendo

rosto ao inimigo, é também uma das individualidades mais distintas d'essa legião valerosa. Esta é a boa democracia: fidalgos, burguezes e plebeus, identificados pelo mesmo uniforme, todos levantados por igual ás dedicações do mais alto valor guerreiro e do patriotismo mais encendido!

Assim também as irmãs das missões. O seu uniforme é tão humilde, que a ninguém pode causar affronta. No mesmo alvo linho, e pobrissimo panno, despidido de quaesquer adornos, abrigam-se por igual as filhas das familias nobres, que ali estão em grande numero, e as filhas das classes populares, que também ali teem numerosas representantes. Na modestia do seu trajar, nem mesmo ha differença de galões, que as distingam para as saudações do mundo. Germanam-se na mortalha do mesmo habito, e afervoram as virtudes do coração na mesma pratica do bem. Fidalgas, burguezas e plebeias são todas por igual da mesma milicia do ceu. Esta é também uma genuina democracia, porque eleva, sem distincções, no serviço de Deus e da Patria, as filhas de todas as classes ás mais puras perfeições da alma, e a todos os heroismos da abnegação e da caridade.

Se a liberdade e a democracia não podem, sem contradicção com os seus proprios fundamentos, condemnar as associações religiosas, de que se derivam os institutos das missões, objecta-se todavia, que sendo os serviços d'esses institutos especiaes para cada paiz, cada um d'elles os deve ter independentes de qualquer ligação com institutos estranhos; e que, destinando-se ás missões ao ultramar, é lá que devem estar as suas sédes, e não no continente. Posto que o instituto da *Missão auxiliar ultramarina* seja portuguez, dirigido por senhoras portuguezas e portuguezes, reconhecido oficialmente e subsidiado pelo governo portuguez, importa examinar, embora muito rapidamente, o valor d'esta dupla objecção, por motivo das relações, aliás meramente espirituas, que as suas casas teem com o instituto geral de S. José de Cluny, de Paris.

A nacionalisação das missões é uma ideia sympathica e justa; mas convenem não a exaggerar nos seus modos de applicação, e não ser mais exigente para os institutos religiosos do que se é para todas as outras manifestações da actividade social. A nacionalisação quer dizer: obediencia ás leis do paiz, acatamento e defeza da sua soberania, respeito e promoção dos seus interesses. Se nada mais do que isto, e ás vezes nem tanto como isto, se exige a sociedades de litteratura, a companhias commerciaes, a emprezas industriaes e

agricolas, a associações financeiras, que podem ter ligações e dependencias de toda a especie no estrangeiro, para fins terrenos, nada mais do que isso se pode exigir a institutos de religião, que pelos seus proprios fins pairam acima de quaesquer interesses particulares de fronteira, porque se inspiram em principios de moral universal, que são communs ao engrandecimento de todas as nações. A solidariedade e a fraternidade dos povos é lemma dos partidos mais avançados: a fusão e diffusão das actividades internacionaes é a aspiração de todos os governos; um grande pensador, e gloria da democracia, formulou como ancia suprema da sua grande alma, o vêr constituídos os Estados Unidos da Europa. Pois se essa communhão dos espiritos é justa, e instrumento de progresso para as coisas da terra, mais legitima é para as coisas do ceu — que está nas alturas, d'onde todas as fronteiras se apagam e todos os homens são pequenos!

A segunda parte da objecção, que admite os institutos das missões, como derivados das ordens religiosas, mas só no ultramar, é ainda menos fundada. A alma, tanto como o corpo, ou mais do que elle, carece d'um sanatorio, que a restaure dos effeitos da nostalgia, do isolamento e do clima deleterio. Só organismos muito excepcionaes, e espiritos de eleição superior, poderiam resistir convenientemente á acção continuada de tantas causas de depressão physica e moral. E não é com excepções, por maior que seja o escrupulo na selecção, que se pode fundar com proveito um regimen permanente.

Ainda n'isto é perfeito o *simile* entre a milicia da Cruz e a milicia da Espada. Assim como as expedições militares se renovam, porque aos mais fortes é necessario refazerem-se de saude e de animo passados alguns mezes de campanha, assim ás expedições religiosas é necessario refazerem-se de conforto physico e espirital, decorrido algum tempo de missão. Os militares regressam aos seus regimentos; os missionarios regressam aos seus conventos e institutos, que são as casernas. A doutrinação das verdades superiores não pode brotar expontanea pois que d'ella precisam, nem ali vicejar e robustecer-se, sem permanente renovação e amparo de fora. E' de primeira evidencia. Por isso, desterrar para o ultramar os institutos religiosos, com exclusão do reino, seria de antemão condemnal-os a prompto esphacelo e desprestigio, e completa ruina. Seria mais franco prohibil-os de todo, apagando essa luz por inteiro. Ninguém ousará fazel-o.

Vamos assim, que vamos bem; sem offensas para a democracia, com ap-

lausos para a liberdade, com grande proveito para o paiz e sua soberania, e proveito egual para a civilisação.

Não é conhecido, geralmente, o alargamento que teem recebido entre nós as missões femininas, e merece registar-se. O instituto portuguez das missões conta já dez casas no reino, e ilhas adjacentes, onde se prepara o pessoal necessario para as missões ultramarinas, e que simultaneamente servem, quasi todas, de casas de educação e de escolas. A principal d'estas casas está no antigo convento de S. Patricio, ás escadinhas de S. Chrispim, em Lisboa. D'ellas saíram 61 irmãs missionarias, que tantas são as que se acham actualmente em Moçambique e Angola, evangelizando a lei de Deus, e ensinando a amar e respeitar o nome de Portugal.

Os estabelecimentos filiaes na provincia de Moçambique são: em Lourenço Marques, o hospital, cujo movimento regula normalmente por cem doentes, e a escola, que está sob o patrocínio do nome adorado e venerando de S. M. a Rainha, e cuja frequencia anda também por uma centena de alumnas. Em Inhambane, o hospital e a escola official. Na ilha de Moçambique, o hospital. Na Cabaceira, quasi na orla do paiz namarral, uma escola e asylo; e em Boroma, um hospital e missão. Boroma, 30 kilometros acima de Tete, 450 kilometros, em linha recta, do porto de Quilimane; Boroma, na alta Zambezia, quasi perdida nas profundidades do sertão, cercada de continuas turbulencias e frequentes guerras, Boroma tem um hospital e uma escola, servidos por seis irmãs missionarias. Eu pergunto quem é que deixará de descobrir-se com respeito e veneração diante d'estas piedosas e admiraveis senhoras!

Em Angola, n'essa riquissima joia nossa, que, em contrario da opinião mais corrente, eu considero acima de qualquer das outras nossas provincias ultramarinas, e até valendo mais que todas as outras juntas;—em Angola, o instituto das irmãs da missão tem cinco dependencias, servidas por 27 irmãs. Tem em Mossamedes um collegio e a escola official; em Loanda, a escola official; em Malange, missão; em Huilla, missão, e missão também em Caconda.

Nas missões de Huilla, Caconda, Malange e Boroma, educam-se raparigas indigenas, que depois são casadas com rapazes indigenas educados pelos missionarios, e que vão formando as já numerosas aldeias christãs, que successivamente se espalham até ás fronteiras inglezas, em Moçambique e Angola. Se isto é reacção estrangeira, não sei então o que seja o progresso nacional!

Como se vê, a missão auxiliar portugueza trabalha dedicadamente e envolve-se. A sagrada phalange augmenta todos os dias. Se são numerosas as irmãs missionarias, que o governo da republica tem condecorado por serviços prestados nas colonias francezas, tambem já não são raras as nossas missionarias condecoradas officialmente, e pela benemerita sociedade da Cruz Vermelha, por serviços prestados nas colonias portuguezas. Devemos registal-o com orgulho.

Um santo entusiasmo alvoroça os corações femininos e uma nobre emulação os impelle para prodigios de dedicação e de sacrificio. Enthusiasmo tão ardente, emulação tão viva, que eu permitto-me recommendar prudencia ás pessoas que teem a seu cargo a gravissima responsabilidade da direcção d'essas almas. Haja escrupulosa severidade no estremar das vocações equivocadas. Cautella com os deslumbramentos, a que os espiritos femininos e juvenis são particularmente attritos, e que a muitos d'elles fará parecer as vocações seguras e o seu cumprimento facil. E' preciso ter uma energia comprovada, um espirito de persistencia nunca desmentido e uma tempera de aço, para subir por devoção o calvario, levando aos hombros a Cruz, que por tres vezes fez prostrar o proprio Jesus divino! Quem se não sentir com esses predicados não se desconforte, porque o caminho da perfeição espiritual não é um só; mas não se lance na senda das missionarias, por um generoso e irreflectido impulso, porque o desastre seria irremediavel e certo para as pessoas, e certo tambem e irremediavel o desconceito para o instituto. Os espinhos do sacrificio religioso não são artigo de moda romantica e nem sempre podem estar á altura de todas as vontades e desejos.

Mas com essas precauções, que se tomam, com essa vigilancia, que não tem faltado, com essa selecção no recrutamento voluntario das irmãs da Missão, os beneficos resultados do santo instituto augmentam, a sua acção civilisadora alarga-se de dia para dia, e o seu prestigio cresce. Esta mesma concorrencia, que aqui vemos, é d'isso testemunho. A par do renascimento do espirito militar, que tão brillantes paginas acaba de escrever nas nossas provincias ultramarinas, revella-se o renascimento do espirito religioso, que tem nos motivos d'esta festa uma das suas muitas manifestações. E assim foi tambem nas melhores epochas da nossa historia, sempre glorificadas pelo duplo symbolo: a Cruz e a Espada. Braços ás armas feitos para defender a bandeira e a honra do paiz; mãos e la-

bios ás preces dados para servir a Caridade e adorar a Deus!

O renascimento do espirito religioso não é um phenomeno particular ao nosso paiz; antes se pode dizer, que nós seguimos apenas o movimento geral.

Nas bellas artes, e especialmente na pintura, essa transformação é accentuada. Nas sciencias, o espiritualismo responsavel e crente leva de vencida o materialismo atheu: o primeiro cirurgião da França, o sr. Péan, fallecido ha poucas semanas, suavizou os seus ultimos momentos com as demonstrações d'um catholicismo fervente, sem com isso escandalisar os seus collegas da Faculdade, e merecendo a sua memoria os respeitos geraes. A litteratura dramatica, a poesia, a prosa, entraram na mesma evolução; hoje annuncia-se como acontecimento notavel no mundo das letras, e em termos do maior louvor, o apparecimento de livros, que pelo mysticismo ardente e symbolismo religioso quasi nos fazem retroceder aos tempos de Santa Theza e de S. João da Cruz, como são os livros de Huysmans, *En Rout* e *La Cathédrale*, que ainda ha poucos annos seriam vilipendiados e desdenhados como refugio das sachristias.

A idéa de Deus, nos seus complexos desenvolvimentos, vae sendo outra vez considerada como apoio fundamental de todo o progresso, quaesquer que sejam as instituições politicas, por que se governem os povos. Sirva de exemplo, já secular, a Suissa; e ainda ha pouco, na tribuna do senado brasileiro, um dos fundadores da joven republica, que é tambem um dos seus sustentaculos mais decididos, lastimava-se da instabilidade e da perturbação que ali ameaça a nova ordem de coisas, attribuindo principalmente o facto á perversão e enfraquecimento da ideia religiosa no Brazil. E' uma apreciação, que se justifica pelas lições da historia. Algumas vezes, poucas, terá succedido que os thronos se sustentem sem religião; mas nunca as instituições democraticas poderam radicar-se e desenvolver-se sem o culto respeitoso dos altares.

Ainda isto é verdade, sob um ponto de vista mais amplo, e mais nobre. Todos os povos teem necessidade d'um ideal para viverem com desafogo e se exalçarem. Sem esse estimulo, não ha progressos verdadeiramente notaveis em nenhum dos ramos da actividade humana.

O artista, que do blóco tosco do marmore desprende as fórmias divinas de Galatheia, precisa para isso de beber a inspiração condensada pela Arte no decorrer de todas as civilizações; e a estatua de fria pedra, vivificada por

esse fogo creador, acalentada pelos seus beijos amoveis, anima-se, palpita, e marcha, deixando atraz de si um rasto luminoso, que fixa um ideal de belleza na historia da esculptura.

O poeta para fazer obra grande, que assim fique atravez dos tempos, alteia-se do mundo real ao mundo das ficções. Isola-se para poder subir. E então, transforma a penedia do Cabo Tormentoso no monstro horrendo, no Adamastor esqualido, que ficará sendo sempre uma admiravel producção do genio creador; ou vae, como o florentino, atravez do inferno, do purgatorio e do paraizo, castigando todos os crimes, flagellando todos os vicios, adorando todas as virtudes, mas amparado constantemente em tão longa jornada por uma força invencivel, que se symbolisa na etherea imagem de Beatriz, seu ideal supremo de devoção e de amor da patria.

O compositor tem de elevar-se á contemplação das paixões mais vehementes, e das syntheses mais profundas, para condensar n'um ideal de harmonias, ou a expressão suavissima das mais ternas aspirações do coração humano, como no duetto amoroso do *Fausto*, ou a traducção formidavel d'uma epoca historica, como na maravilhosa massa de sonoridades do quarto acto dos *Huguenottes*, que é a pagina musical mais imponente, que até agora se tem escripto.

E o mesmo para o pintor, como nos frescos da capella sixtina de Miguel Angelo, cujas figuras são anatomicamente desproporcionadas, porque são idealizações giganteas das fórmias humanas; como o é tambem a cabeça da sua celebre estatua de Moysés, cabeça anatomicamente desproporcionada ás dimensões da estatua, mas que, artisticamente, arrancou ao proprio auctor a exclamação admirativa: *é dunque parla!*

E o mesmo para o architecto, que lança aos ares, a topetar com as nuvens, a agulha d'uma torre gothica; ou para o engenheiro, que une as duas margens abruptas d'um rio por uma fita de ferro rendilhada; ou para o nauta que por mares nunca d'antes navegados abriu caminhos gloriosos, e que ainda hoje se obstina, com uma pertinacia indomavel, a querer desvendar os mysterios das regiões polares.

O mesmo para todos os que trabalham. E' um ideal que os impelle; é um ideal que os levanta; e um povo só é verdadeiramente grande, quando do conjuncto das suas faculdades e actividades resulta um ideal superior, que o inspira, que o impulsiona, e que assim se torna o caracteristico d'uma raça e a affirmação esplendorosa d'uma forte nacionalidade.

O nosso ideal, o ideal portuguez, está naturalmente indicado pelas nossas tradições historicas, de que tanto nos temos afastado para copiar alheios figurinos, e pelas condições geographicas e politicas do nosso engrandecimento. A nossa grandeza no passado, o nosso renome no mundo, o nosso proprio apparecimento como nação livre, foi sempre um resultado da alliança da *Cruz e da Espada*. A Cruz pela ideia de Deus; a Espada pelas glorias da Patria! E que ideal mais levantado, mais largo, mais generoso do que esse da Cruz, que é o symbolo da moral mais pura e das virtudes mais sublimadas? Que apoio mais solido do que o da Espada, que é a energia da força a sustentar a energia da independencia?

Foi com este duplo symbolo, que arancámos do poder dos sarracenos o rincão de terra, que se ficou chamando Portugal; com a cruz estrellada nas vélas dos nossos guerreiros e marinheiros, percorremos todos os oceanos e plantámos a bandeira das quinas na orla de todos os mares; com ellas ainda, repellimos victoriosamente mais d'uma invasão estranha; e n'este actual e triste momento, de tantas angustias e incertezas, só por ellas poderemos reconstituir, ao longe, os elementos de dominio e força, que em volta de nós, aqui, se desconjunctam e desaparecem. A Espada para submeter e firmar; a Cruz para civilisar e progredir. A Espada para avassallar resistencias; a Cruz para avassallar consciencias. Foi a nossa grandeza e o nosso ideal de hontem. Deve ser o nosso ideal de hoje, porque já não pode ser outra a nossa grandeza de amanhã.

O duplo emblema, que adopto como ideal da nacionalidade portugueza, pre-suppõe, como fica ligeiramente indicado, uma acção governativa, essencialmente encaminhada ao desenvolvimento colonial. E, por isso mesmo, a ideia religiosa, que entra n'esse symbolo, tem de exercer-se principalmente pelas missões. Não é mysticismo contemplativo; é evangelisação militante. Importa mostrar quanto as missões femininas teem n'esse programma de renascimento patriótico um papel preponderante. Seja me permittido um ligeiro preambulo para melhor intelligencia da demonstração.

O christianismo representa a redempção da humanidade. E empregando a palavra *redempção*, considero-a no seu amplissimo significado philosophico, que é para todos, e não no seu sentido estrictamente religioso, que é só para os crentes. Os mais endurecidos livres-pensadores teem de reconhecer que a

religião é um phenomeno universal, e que os povos christãos se avantajam enormemente a todos os outros na intensidade e na força expansiva dos adiantamentos materiaes, moraes e intellectuaes. E' um factio, que não pode ser contestado, e que de relance se confirma pela situação dos estados mahometanos e das nações asiaticas. Só o Japão é que principia a ter direitos para vir a ser considerado como excepção a esta regra.

Mas o christianismo, nos seus artigos de fé, constitue doutrinas e dogmas, que melhor se adaptam a espiritos cultos do que a intelligencias brancas. São sempre verdades sublimes as da religião christã; mas a sua propaganda, a sua disseminação depende, em grande parte, das condições de meio e de raça, em que tem de effectuar-se.

A sociedade romana, como a grega, dissolvia-se na decrepitude e na podridão; mas uma e outra tinham chegado a elevadas culminancias na cultura intellectual e tambem os progressos materiaes. Os caracteres estavam corrompidos, mas os espiritos eram illustrados. O christianismo appareceu como remedio moral para tamanha gangrena; e a nova fé impôz-se com relativa facilidade á razão pela reacção violenta das consciencias. A moral christã, toda pureza, toda humildade, toda abnegação, sacrificio e desprendimento de coibiças e paixões, teve como auxiliar o latego de Suetonio, de Tacito, de Juvenal e outros, que flagellavam as monstruosidades e abominações da corrupção espantosa d'aquella epoca.

O christianismo appareceu no momento proprio, e desenvolveu-se n'um meio idoneo; e quando os barbaros do norte invadiram a Europa central e meridional, foi ainda esse contraste sublime, que os prendeu na fé porque lhes dominou immediatamente a razão, e que subjugou aquelles animos rudes, adoçando-lhes os costumes, e inspirando-lhes a legislação, de que se deriva a parte mais sã do direito moderno.

O christianismo, como phenomeno social, nasceu, portanto, para uma civilisação adiantada. Isto quer dizer, que se as suas doutrinas, como verdades eternas, são para todas as civilisações, a efficacia da sua propaganda não é igualmente fecunda para as aggremações primitivas das raças selvagens. Ahi, a cathechese é muito menos productiva e mais lenta. A fé não se enraiza tão de prompto, porque a razão, desprovida de reacções e de contrastes, não a favorece tanto.

Além d'isso, o homem civilisado, que primeiro frequentou essas tribus, quasi sempre deixou entre ellas maior sementeira de vicios do que de ensinamentos uteis. Muitas vezes terá succedido, que

o primeiro contacto com os homens brancos mais tenha depravado do que civilisado as raças de côr. E as missões ultramarinas teem quasi tanto a lutar contra as desconfianças e irritações, que por lá espalharam pouco escrupulosos representantes das raças superiores, como contra as trevas natas e a bruteza natural da selvageria.

E' um duplo attricto para as missões: a inefficacia da cathechese doutrinal em espiritos brancos, e a hostilidade contra o branco. Mas, a meu vêr, são as missões femininas as que melhor podem triumphar d estas difficuldades.

O guerreiro passa, vencendo; mas o seu braço, se impõe um terror salutar, que é uma das manifestações do prestigio, não avassalla as almas, que ficam sempre propensas á revolta. O seu prestigio dura apenas em quanto duram as scintillações da sua espada. O mercante raro leva comsigo mais do que o amor da ganancia, que pode ser um nobre sentimento, quando subordinado á causa da civilisação, mas que, a maior parte das vezes, é escola de embustes e extorsões, e incitamento a violencias e represalias. O proprio missionario, instruido, dedicado, caridoso, austero de costumes, mas fallando d'um Deus ignoto, ensinando doutrinas mysteriosas a intelligencias rudes, preceituando praticas de culto que contrariam as tradições grosseiras das raças selvagens, o proprio missionario poderá parecer-lhes apenas um servidor de fetiches, como os outros fetiches, um feiticeiro como os outros feiticeiros, senão tambem um auxiliar disfarçado do mercante, que as explora, e do invasor, que as trucidá.

Mas quando apparecem as irmãs das missões, forçoso é que aquelles corações duros se amolleçam, e que aquelles escuros cerebros se illuminem! O choque é violento, o contraste é profundo.

Aquella delicada formosura physica faz nascer, irresistivelmente, como correspondencia, a ideia, imperfeita ainda mas sufficientemente definida, d'uma suprema formosura moral. Mostram-se tão debeis, tão fracas do corpo, que qualquer golpe pode prostral-as, e ao mesmo tempo tão corajosas, tão firmes, que nenhum perigo as amedronta e nenhuma provação as quebranta; e d'ahi, brota espontaneamente a revelação d'uma força superior, que as ampara, d'uma virtude excelsa que as sustenta. São mulheres brancas, que a civilisação christã levanta acima da baixa condição que tem a mulher nas raças inferiores e nas outras religiões; e vendendo-as, a ellas que recebem as homenagens respeitadas dos poderosos e grandes da terra, acurvarem-se como mis-

sionarias aos labores mais humildes, á devoção pelos mais pobres, aos sacrificios pelos mais pequenos—surge, como um relampago do Sinai, a illuminar os cerebros rebeldes, a concepção de um Deus mais grande e mais poderoso do que esses poderosos e esses grandes, que as veneram, e a percepção d'uma caridade celestial, que deve dominar em tudo, pois que ella domina sobre os dominadores do mundo!

Por isso, a irmã das missões só em apparecer é uma cathechese de moral e uma demonstração religiosa para as raças selvagens, cujo coração e cujo cerebro não estão ainda sufficientemente abertos para receber por modos directos os beneficios da doutrinação. A sua debilidade physica e a sua coragem; os mimos da sua delicadeza natural e as asperezas voluntarias da sua vida; a consideração social, que as exalta e a abnegação com que se sacrificam e se humilham, impõem-se mais do que a bolsa do mercante, do que a espada do guerreiro e do que a propria sotaina do missionario, como uma revelação sobrenatural, como uma sedução irresistivel, que leva e enraiza a fé onde sem isso ella mal poderia germinar. As irmãs das missões são, na sagrada phalange da evangelisação christã, o facho mais luminoso, porque são a propaganda mais eficazmente fascinante. E os negros, ao contemplar aquellas azas de anjos, hão de dizer entre si alguma coisa, que na sua linguagem limitada e na sua confusão de ideias traduza, embora imperfeitamente, as invocações litánicas do nosso cantico: torres eburneas! espelhos de justiça!

Se eu penso, que na efficacia da propaganda christã entre as raças selvagens, as irmãs das missões levam a palma aos missionarios, que aliás são auxiliares indispensaveis para desenvolver e consolidar a colonisação, julgo tambem, que o seu heroismo é de mais fino quilate, que o dos soldados, que aliás são esteio e gloria da patria. Cruz e Espada! Mas os portadores de espada teem, a meu vêr—que elles me perdõem—menos merito que as servidas da Cruz.

O heroismo d'essas piedosas senhoras é menos ruído e menos suggestivo que o do soldado; mas é mais grandioso e mais intenso, mais placido e mais firme nos accidentes da vida, mais levantado nos seus fins e mais profundo nas suas origens.

O soldado, que marcha ao combate é impellido pelo dever, é animado pelo patriotismo; mas a sua espada, que despede sangue, scintilla tambem com lampejos de gloria. E a gloria militar é uma embriaguez; é um deslumbramento.

E' a imprensa de todo o mundo a apregoar o seu nome; é o seu paiz a saudal-o com aclamações triumphaes; é o exercito dos seus camaradas a exalçal-o na carinhosa confraternidade das armas; é a celebridade conquistada, a ambição satisfeita, e rasgando horisontes novos, que ainda mais promettem. A irmã das missões, essa, não lida para glorificar o seu nome profano porque para sempre o sepultou na mortalha do habito; não terá aclamações triumphaes, porque o recolhimento é da sua regra; não tem ambições de grandeza e de mando, porque é toda humildade e abnegação; não a impellem aspirações para as magnificencias da terra, porque todos os seus anhelos sobem ao ceu; e não solicita as fascinações da vida, porque o seu ideal só pode realizar-se nas ineffaveis doçuras da morte!

Na expansão dos seus heroismos, o soldado tem como estimulo a exaltação de si proprio e os laureis da victoria sobre os outros; a irmã das missões tem como timbre o seu desprendimento pessoal e o bem alheio. O soldado será talvez um egoista sublime; a irmã das missões será sempre uma altruista angelical.

O soldado pode ser audacioso, porque a musculatura do seu corpo é rija. A irmã das missões alenta-se de coragem sobrenatural, porque o seu corpo é fraco. Dormir ao relento, calejar os pés em longas caminhadas, endurecer as pernas em cavalgadas furiosas, soffrer de fome e de sede, são privações a que se accommoda a natureza masculina. que d'esses mesmos soffrimentos physicos tira nobreza e realce. Mas a organisação feminina tira precisamente realce das qualidades de fraqueza e de mimo. E como a inclemencia do clima, a deficiencia dos alimentos, a aspereza do sertão se exercem sem distincção de sexos, a irmã das missões precisa de ter o espirito mais forte para ir onde vae o soldado, que tem o corpo mais robusto.

O soldado fez um pacto com a morte, quando jurou bandeiras. E' uma ideia, que o não apavora, porque é o primeiro artigo de fé militar das suas alvoradas. Morrer pode ser cair com uma bala na cabeça, com uma azagaia no coração, ou succumbir com as mutilações e as febres do hospital, ou ainda acabar nos tormentos infligidos por um inimigo selvagem e ter o cadaver devorado pelas aves immundas. As irmãs das missões estão expostas aos mesmos lances de morte e aos mesmos horrores de insepultura. E, sobre esses, um lhes é proprio, e que mais do que todos as faz estremecer: é o seu pudor em affronta. No naufragio de Sepulveda, ha, acima de todos, aquelle

lance tragico, quando a esposa, inteiramente desnudada pelos cafres, se envolve, como unico resguardo, no manto dos seus cabellos, e supplica a seu senhor e marido, que lhe afunde no areial uma cova, onde esconda a casta formosura, que a propria selva não devia profanar. E não se sabe a final como a misera morreu, se lacerada pelas feras, se victimada tambem pelos selvagens! O peito do soldado deve ser de bronze para ter um sereno desapego da vida; mas a alma da irmã das missões tem de ser de diamante para caminhar impavida no meio de tantos perigos.

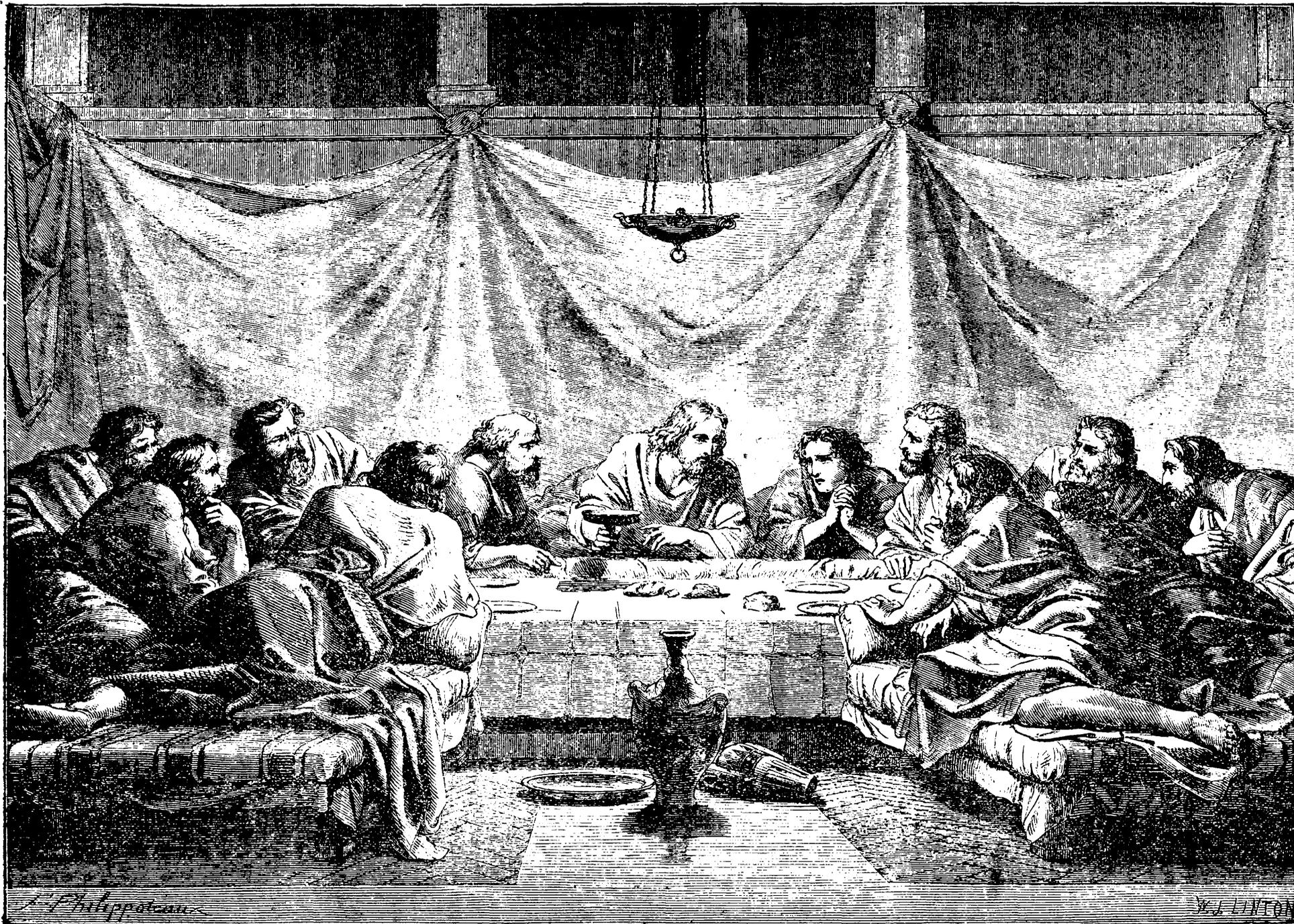
N'esta expressão da homenagem, que presto ás irmãs das missões, e com que vou findar, tenho por mim a adhesão de Mousinho, que é auctoridade indiscutivel, como soldado esforçado entre os mais valentes e distincto entre os mais illustres. A minha palavra, que é descolorida, apoia-se na sua espada, que é gloriosa. Das irmãs das missões, cujos serviços directamente apreciou em Moçambique, disse elle, que seriam pallidos todos os elogios, que se lhe fizessem. E n'uma occasião recente, em que tive ensejo de saudar as duas irmãs, que se aggregaram á valerosa companheira de Mousinho para com ella servirem de enfermeiras na segunda campanha de Gaza, o heroe de Chaimite respondeu-me com estas palavras, que peço venia para reproduzir como synthese auctorizada do parallelo, que esbocei:—«Em dedicção «e devotados sacrificios, nunca por «nunca deixará o homem de receber exemplos e ensinamento da mu- «lher». E' um preito do homem forte ao sexo fraco; é tambem a homenagem sincera e honrada do commissario regio ás irmãs missionarias, que o ajudaram. A minha palavra vale apenas uma opinião; a palavra de Mousinho vale uma sentença. E a espada illustre, que assim se inclina respeitosa diante das irmãs das missões, é uma confirmação indiscutivel das suas virtudes sublimadas e dos seus heroismos inexcediveis pela Patria e pela Cruz. Disse.

SECÇÃO CRITICA

O Abbade Carron

(15 DE MARÇO DE 1821)

 MEMORIA do Abbade Carron, que falleceu a 15 de março de 1821, e de quem me vou occupar, não póde deixar de ser celebrada nos annaes da historia ecclesiastica com louvor. A Igreja de França, principalmense, tem



A CEIA DO SENHOR

obrigação de commemorar o seu nome glorioso, que tanto a ennobreceu nos tempos mais criticos do seu paiz.

E, comtudo, não apparece o nome do grande Carron em muitas biographias francezas, nem na historia ecclesiastica e litteraria d'aquella nação.

E' incomprehensivel e inexplicavel uma tal omissão. Porque o Abbade Carron é um dos vultos mais notaveis da França nos fins do seculo XVIII.

Parece-me que uma Biographia universal dos homens illustres, de que existe um grande numero, sem o nome de Carron seria incompleta.

Fallando, porém, aqui d'um homem illustre, não tenho a notar a sua alta genealogia, a nobreza da sua familia, os seus brazões e pergaminhos. Tudo isso é materia de nenhuma estimação sob o ponto de vista em que considero o preclarissimo varão de que vou tratar.

Seus paes, apesar de serem d'uma familia antiga e nobre, distinguiram-se por suas virtudes christãs, por uma piedade esclarecida.

Nasceu Guido Juliano Carron (tal é o seu nome inteiro) na cidade de Rennes, a 25 de fevereiro de 1760. Viu a luz do dia depois da morte de seu pae, ficando, portanto, todo o cuidado da educação a sua mãe, Helena Lorut, senhora de reconhecida virtude.

O joven Carron mostrou logo desde a infancia as mais felizes disposições para todas as boas obras. O que começou a distingui-lo particularmente foi a sua admiravel caridade para com os pobres. Nada do que possuia era d'elle.

Destinado ao estado ecclesiastico, recebeu a prima tonsura na idade de 15 annos, e logo tratou de se associar alguns companheiros activos e zelosos, com o fim de catechisar os pobres e ignorantes, e de lhes procurar soccorros.

Assim inaugurou na cidade de Rennes, sua patria, o apostolado religioso e caritativo, que tão fecundo foi nos seus resultados. Completa a sua ordenação, foi nomeado Vigario da parochia de S. Germano de Rennes, onde manifestou o zelo mais ardente.

Em 1785 o Abbade Carron—nome por que era geralmente conhecido—fundou um estabelecimento para os pobres, que chegou a ter mais de dois mil infelizes reunidos n'um vasto edificio. No meio do seu trabalho encontravam os internados n'aquelle estabelecimento os soccorros necessarios para a vida do corpo, e ao mesmo tempo recebiam do seu santo protector as consolações mais efficazes para a alma nas instrucções que lhes dava.

Estabeleceu mais outra casa onde se recolhessem donzellas, arrancadas ás dasordens do mundo, sendo alli dirigidas por mulheres piedosas.

Entretante o Abbade Carron foi atacado d'uma grave molestia, resultado dos seus trabalhos insanos, e viu-se obrigadô, por ordem dos seus superiores, a suspender as suas funcções nos dois estabelecimentos que fundou. Em seguida dirigiu-se a Paris, onde continuou o seu apostolado religioso e humanitario.

Na capital de França travou relações com as pessoas de reconhecida virtude e acção que alli havia, recolhendo consideraveis esmolos para os seus estabelecimentos; foi com especialidade estimado pela rainha Maria Antonietta e por toda a familia real.

Sucedeu a nefasta e satanica revolução franceza; mas o nosso Carron não cessou de manifestar o seu zelo religioso, a sua fé catholica, o seu espirito apostolico, no meio do mais desenfreado jacobinismo que então devastava e tyrannizava o povo francez.

Com inexcedivel coragem recusou prestar juramento á chamada constituição civil do clero, lei scismatica e anti-religiosa, obra da maçonaria e do jansenismo, urdida para descatholisar a França. Assim procederam igualmente todos os bons e valerosos catholicos d'aquella nação.

Já se vê que por este motivo devia ser perseguido o Abbade Carron; e assim aconteceu. Achava-se elle então em Rennes: foi preso em 1792, e pouco tempo depois deportado para Jersey com quasi trezentos ecclesiasticos e religiosos de diferentes congregações.

Eil-o na terra do exilio, sempre o mesmo homem: activo, incançavel na obra do apostolado, o seu primeiro cuidado foi mandar edificar uma capella, e em seguida duas escolas para educar os filhos dos emigrados, dedicando-se elle mesmo á sua instrucção.

Além d'isso, estabeleceu uma pharmacia onde os emigrados pobres encontrassem todos os remedios necessarios para as suas enfermidades, e creou uma bibliotheca para fornecer livros aos ecclesiasticos.

Em 1796 foi chamado a Londres com grande numero de emigrados, e ahi, como em toda a parte, continuou os seus immensos beneficios. Alcançou abundantes soccorros para os seus estabelecimentos; formou hospícios; e finalmente instituiu um seminario que tantos ministros deu á Igreja.

O conde de Artois, que depois reinou com o nome de Carlos X, visitou muitas vezes esses estabelecimentos, testemunhando ao piedoso instituidor toda a sua satisfação e estima.

O mesmo praticou Luiz XVIII, que mais do que uma vez lhe escreveu agradecendo a ardente caridade e zelo do Abbade Carron.

As suas obras o tornaram estimado

d'aquelles mesmos que não seguiam a religião catholica, e muitos protestantes chegaram a converter-se ao catholicismo.

Regressou á França em 1814, no tempo da Restauração. Mas, succedendo a nova entrada de Napoleão, voltou á Inglaterra, d'onde sahiu definitivamente, passados os cem dias.

Na sua patria, é sempre o mesmo apostolo infatigavel. Formou uma associação de homens piedosos, de varias classes, que todos os 15 dias se reuniam para os exercicios religiosos.

Passava todo o tempo na obra do seu ministerio: prégando, catechizando, dirigindo as consciencias, com um zelo superior ás suas forças.

Foi no meio d'estas occupações que a morte o roubou á sua familia, aos seus numerosos amigos, e sobretudo aos desgraçados de quem era pae extremoso. Falleceu a 15 de março de 1621.

O Abbade Carron escreveu e publicou numerosas obras biographicas e religiosas, admiraveis pelo seu estylo e doutrina. Nota-se n'ellas a unção e o fervor que caracterizam todas as acções da sua vida. Regulam por 30 producções, algumas das quaes constam de mais que um volume.

Parece incrível que no meio dos seus trabalhos apostolicos tivesse tempo para escrever tantas obras.

Foi, pois, este homem um benemerito da Igreja e da religião.

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ

Lourdes!

*Ave maris stella,
Dei mater alma.*

DE bem longe, do meio do oceano te saúdo, augusto sanctuario de milagres! Rocha firme e inabalavel que estás mostrando com tua firmeza o poder da Igreja, que tem resistido ha dezenove seculos, no meio da lucta contra a descrença, a immoralidade e a propria ingratição de muitos de seus filhos! Gruta abençoada, que recebeste, por dezoito vezes, a visita d'Aquella que é a Rainha dos Ceus e da terra! Eu te saúdo!

Ha quarenta annos, que Lourdes não tinha a importancia que hoje possui.

Mas quando aprouve a Deus mandar á terra uma embaixada divina, para conversão dos incredulos que abundam pelo mundo inteiro, a Trindade Santissima manda Aquella que no Céu é Nossa Mãe e Nossa advogada pe-

rante o throno de Deus. E qual será o logar escolhido por Deus para a Divina Virgem se dar a conhecer aos homens?

A Lourdes cabe essa honra.

Lourdes, esse pequeno logarejo da França, encravado nos Pyreneus, vae servir d'assombro ao mundo.

—Um dia os discipulos de S. João Baptista dirigem-se a Jesus, e perguntam-lhe, se é o Menino? *Tu es qui venturus es, an alium expectamus?*

—E Jesus lhes respondeu: *Euntes, renuntiate Joani quae audistis et vidistis: Coeci vident, claudi ambulant, leprosi mundantur, surdi audiunt, mortui resurgunt, pauperes evangelisantur. Matt. XI—3—5.*

Pois tambem quando nos perguntarem o que é Lourdes, o que se opera em Lourdes, que faz a admiração d'uns e a confusão d'outros; respondamos, servindo nos da mesma resposta de Nosso Senhor Jesus Christo aos discipulos de João.

Sim, porque ahi n'esse sanctuario santificado com a presença da Virgem Immaculada que é a saude dos enfermos, refugio dos peccadores e consoladora dos afflictos, operam-se milagres assombrosos, verdadeiramente estupendos, pois que: os cegos veem, os paraliticos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem e os mortos pela descrença e em cujos corações não ha fé nem virtude alguma, resuscitam e são chamados á vida da graça, convertidos pelos milagres operados nos outros e proclamando com a sua conversão a Misericordia e Omnipotencia de Deus.

O nome de Lourdes é conhecido hoje por toda a parte.

Levanta-se o materialismo com suas ideias falsas e contrarias á razão humana; levanta-se a maçonaria com o archote da falsidade derramando a luz morta da descrença; levanta-se emfim um Zola, pretendendo refutar aquillo que é divino e que é obra de Deus; mas... todos baqueiam e baquearão; e Lourdes, com a sua Basilica e a sua Gruta abençoada, continuará a receber os enfermos do corpo e da alma e a lançal-os sãos, enviando-os por toda a parte a annunciarem a gloria de Deus, pois se os ceus proclamam a gloria de Deus, *Coeli enarrant gloriam Dei: Psal. XVIII*, com quanta maior razão o homem deve proclamar essa gloria!

Para que nos possamos approximar d'essa gruta bemdita, é necessario que façamos penitencia.

Penitencia pregava Jeremias ao povo de Jerusalem, antes do captivo; penitencia pregou S. João Baptista, para que o povo por meio d'ella se preparasse para receber o Messias; penitencia teem pregado tantos santos, que com suas virtudes teem sabido honrar a Santa Egreja; finalmente peni-

tencia nos vem recommendar a Virgem Immaculada, Aquella Mulher Forte, vestida de sol, *mulier amicta sol*, tendo a lua por escabello de seus pés virginaes, *et luna sub pedibus ejus*; e cuja fronte é ornada com uma corôa de doze estrelas, *et in capite ejus coronam stellarum duodecim.*

Para se não acreditar em Lourdes e nos admiraveis milagres que se operam á vista de milhares de pessoas de todas as nações e de todas as classes sociaes, é necessario rasgar a pagina brilhante da historia, na qual se acha descripta, por testemunhas insuspeitas, muitas das quaes ainda hoje vivem, a historia d'essas dezoito aparições, em que a Virgem Immaculada, a Virgem de Nazareth, Aquella Mãe Excelsa, que no alto do Calvario foi dada por mãe á humanidade inteira, appareceu a uma humilde rapariguinha, que por suas virtudes foi a escolhida pela Mãe de Deus para ser a medianeira entre os mandados do Céu e os homens na terra.

E' necessario portanto que não esqueça o nome d'esse anjo na terra, a quem a Virgem Immaculada se dignava fallar.

Bernadette é o seu nome. Mas se os homens, loucos pelos seus devaneios, se esquecerem d'esse nome; a Egreja jámais se esquecerá; e um dia—Ella, a Mãe dos fieis, lhe dará as honras dos altares, porque se Bernadette na terra serviu de medianeira entre a Virgem e os homens; no céo será um advogado entre os homens e Aquella que na sua ultima aparição se lhe declarou:

Immaculata Conceptio ego sum.

S. M.

Recordações!

INGLESISMO! debaixo d'esta designação vamos traçar algumas linhas que dêem ideia do que é a vida ingleza ou costumes e usos britannicos; o que é inglez destaca-se do que não é, tem o seu característico que se percebe logo pelo talho e qualidade do vestuario.

O trato inglez era geralmente suave antes do protestantismo ter subjugado a Inglaterra e assim tel-a tornado dura no commercio de pessoa-a-pessoa, exigindo apresentação por um terceiro para que dous se saudem e relacionem, salvo um negocio que sirva de apresentante; se não foi facto serve de parábula critica da dureza Anglo-Protestante o que se conta: diz-se, que um individuo estava sobre uma ponte e que d'esta vira cahir ao rio um ho-

mem que podia ter sido salvo por um inglez que se achava ao lado do caído; presenceado tal acontecimento a distancia não salvadora por um terceiro, perguntou este ao inglez: porque não acudiu áquelle desgraçado? resposta (não catholica): porque não me tinha sido apresentado!

Esta dureza vae desaparecendo no caracter inglez, porque n'elle vae augmentando a influencia catholica. Adquirida a confiança do individuo ou familia ingleza está-se em casa e não sombria mas alegre; os inglezes são relacionados muito sociaveis, o que não parece a quem os não conhece.

O inglez tem como a maior amabilidade a fazer e a ser-lhe feito o convite para jantar; se o convidarem para mil chás, estes não lhe valerão um convite a jantar; vão como os francezes n'esta parte, que tem o proloquio: «On n'est pas jamais ami si on n'a pas diné ensemble.»

Em tempo foi opinião corrente que nos banquetes, ou jantares de convite inglez era nos homens (não em todos) vulgar a embriaguez ao *toast* depois que as senhoras retiravam da sala de jantar; é certo, que ao sahirem as *lady's*, os creados levantavam a toalha da meza e em volta d'esta punham um estreito encorado escuro de prevenção... isto foi, já não é, devendo ser attribuido menos á sociedade de temperança do que á influencia progressiva do restabelecimento do catholicismo na Inglaterra, que tenho visitado quatorze vezes e sempre com alguma demora, além da minha muita convivencia com familias inglezas no continente; pois nunca presenciei uma embriaguez, fructo do avançamento da fé catholica n'aquelle paiz.

A frequencia diaria dos catholicos ás egrejas, o recebimento frequente dos Santos Sacramentos, a exemplar attitude d'elles na casa de Deus, tem sido tambem como missão para que se tenham realisado as continuas conversões á fé catholica na Inglaterra; ha na Inglaterra sempre protestantes assistindo com respeito aos officios divinos celebrados nos templos catholicos; são almas já encaminhadas para a verdade!

Em Londres são poucos os palacios pertencentes á alta sociedade ingleza, que nas provincias residem nos seus aristocraticos castellos, onde recebem frequentemente e com rasgo as pessoas e familias das suas relações, as quaes hospedadas estão como em sua casa e são obrigadas ao regulamento commum ou horas communs.

Os convidados para os castellos tem marcada a epocha do convite, desde tal a tal dia, pois que são séries de convites, e é mister estar tudo prepa-

rado depois dos que sahiram e antes dos que hão de vir; acontece porém, e eu o experimentei, os donos da casa pedirem de viva voz a seus convidados que se demorem além do praso invitativo.

Nos castellos o almoço é com menos etiqueta, no *lunch* ha mais, no jantar toda até ao chá do sarau, pois que o chá das cinco horas é ás vezes servido mesmo no jardim sobre a relva; eis um capitulo da vida aristocratica ingleza; um inglez é um bocadinho da Inglaterra em toda a parte onde apparece, e n'isto muito se differenceiam os inglezes dos nascidos n'outras nações.

Os inglezes não se acham á sua vontade quando teem de fallar n'uma lingua que não seja o seu inglez; os que receberam em sua educação o conhecimento da lingua latina, o que n'elles é vulgar na classe estudiosa, fallam com facilidade e com gosto o idioma italiano.

A Inglaterra é hoje o paiz, um dos paizes onde se dão mais vocações para o sacerdocio relativamente; dois sacerdotes na mesma familia não é raro, agora seis como na familia ingleza Brown raro é; o pae d'estes seis reverendos Padres teve em tempo a ideia de abraçar o estado ecclesiastico, mas mudou de pensamento e casou e de tal casamento nasceram seis filhos e tres filhas, e dizia depois que os filhos eram presbyteros: a Igreja não perdeu nada em que eu não tivesse seguido minha primeira ideia, pois que seguindo-a seria um sacerdote, seguindo a segunda casei e meus seis filhos são Padres, seis em vez de um.

A conversão á fé catholica de qualquer inglez rico em propriedades territoriaes é catholisacão de taes territorios: é a capella publica, (quer dizer facultada ao publico) logo edificada; é a escola para meninos e meninas; é um tracto de terra doado para fundação de convento ou claustro; é a cruz sobreposta nas colinas; é o catholicismo apparecido e respirando por todos aquellos territorios.

Ha poucos disse conventos, claustros, e agora direi: que não se anda muito na Inglaterra sem que se encontrem casas conventuaes, residencias claustraes masculinas ou femininas, além dos collegios; ao redol d'aquellas casas ninguem morre de fome, pois que a divina Providencia faz d'ellas distribuidoras do pão quotidiano; é o pão de Santo Antonio, de S. Bento, de S. Philippe Nery, de Santo Ignacio de Loyola; dos P'rixionistas; de S. Francisco; de Santa Thereza de Jesus; de todos enfim, os conventos e ordens religiosas, além d'estas especificadas; e restabelecidas na Inglaterra, e ás já estabelecidas depois do seculo XVI

como novos institutos religiosos; vi na Inglaterra os pobres á porta do claustro á espera da esmola.

O puseysmo, seita protestante, tentou estabelecer conventos da sua seita na Inglaterra; lembra-nos o ter visto nas ruas de Londres alguns dos taes frades com seu habito como aquelle dos religiosos franciscanos, mas tal ideia e arremedo não progrediu, mas d'algum modo não deixou de ser homenagem ás ideias catholicas prestadas por protestantes.

O doutor Pusey e seus cooperadores conseguiram abalar o indifferentismo em materia de religião em muitos protestantes, porém estes acordados e de boa fé não sentiam enchidas suas almas nem cheios seus corações, e converteram-se á fé catholica, mas o doutor Pusey e parte dos seus ministros ficaram no protestantismo, e foi por certo que Sua Santidade Pio IX disse em audiencia a seus ministros Puseystas: vós sois como os sinos, chamaes os homens para a Igreja e deixai-vos ficar de fóra!

Et alia tente Deo.

DOM ANTONIO D'ALMEIDA.

SECÇÃO LITTERARIA

Milicia Christá

2.^a PARTE

XI

O Papa

Eminencia, que acima das eminencias
Te vemos refulgente
Pairar, factor de ricas excellencias,
Em todo o continente,
Dae-lhe a benção tão paternal e santa,
A quem amante, ainda que mal, te canta.

E's de Christo Jesus representante,
Neste nosso planeta,
Entre altas potestades um gigante,
Mais alto que o propheta,
Rei, no povo de Deus, lá governando,
E em nome do Senhor tambem fallando.

Depositario de divinas graças,
Que espalhas, ás mãos cheias,
Das obras pias nas formosas praças,
Onde o sentia recreias,
Dando d'amor e de bondade exemplo,
E levantando a mil virtudes temp'o.

Assistido do espirito divino,
Na salvadora sciencia,
Dissipas com valor e grande tino,
E inteira competencia,
As mais arduas, supremas densidades,
Onde se occultam, d'alma, fé, verdades.

Firme no pedestal divino, eterno,
Os inimigos ventos,
Inda soprados v.nham lá do inferno,
Perdem seus intentos,
E continuas dando, da verdade,
Um eterno clarão á humanidade.

Escolas, sabios, ricos, potentados
Tudo lá vae, são idos,
Os que foram nos seculos passados,
E estes que vés erguidos,
Da presumpção soberba negro fumo
Ha de leval-os a perder o prumo.

Pois tudo passa n'este mundo triste,
Do tempo na voragem,
Sómente Pedro a tal poder resiste,
Na impavida miragem,
Da, que immutavel, ha de ser eterno,
Inda lhe pese com rancor ao inferno.

Té as vespervas findar do cataclismo
Final do mundo pobre,
Contra o poder do fero e negro abysmo
Terás robusto e nobre
O sceptro do poder, que Deus te dera
No principio feliz d'esta nossa era.

Aos filhos fieis, que apoz de ti amantos
Vão, nos teus caminhos,
Brizas baejrão d'amor constantes
Dos paternaes carinhos,
Que vossa benção bmdita espalha
Nos que esperamos vosso amor nos valha.

Até no céo o teu poder se acata,
Quando favor lhe pedes
Dos seus thesouros, mais que d'ouro ou prata,
Deixa cahir nas redes
D'essa oração tão paternal, angusta
Tanto favor, que Satanaz assusta.

E nas chammas, tambem, do purgatorio
O teu dominio toca,
Pois do thesouro divino e meritorio,
Que guarda a papal doca,
As almas, que ali soffrem, dás valia,
Que o seu triumpho final lhes abrevia.

E, lá do inferno, a tão furiosa fera
Com teu poder as amas,
E nunca faz o que fazer quizera,
Lançar n'aquellas chammas
Os que vivendo vão comtigo unidos,
E são, do teu Jesus, os escolhidos.

Cá na terra, no céo, no purgatorio,
No inferno até potente,
Da magestade no mais alto imperio,
Amante e reverente
Essa vossa missão venera santa,
O desprezível ser, que aqui vos canta.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

SECÇÃO ILLUSTRADA

S. Joaquim, pae da Santissima Virgem

(Vid. pag. 61)

JOI S. Joaquim galileu de nação, natural da cidade de Nazareth, de geração real e a mais illustre de toda a Judéa, porque era da tribu Judá e descendia em linha recta do rei David.

Não gastava S. Joaquim superfluaemente os seus bens; mas antes, empregando-os em obras piedosas, satisfazia a sua devoção e agradava á sua santa companheira.

Dividia em tres porções todas as suas rendas, ou fructo de sua riqueza, das

quaes offerecera uma a Deus no templo, despendendo-a em sacrificios e oblações; repartia outras pelos pobres e peregrinos, que hospedava com grande caridade, virtude mui louvada nas Sagradas Lettras, e exercida pelos santos patriarchas; e com a terceira sustentava a sua familia commodamente.

Orava e jejuava muito, acompanhando-o em todos os actos de virtude sua santa mulher Anna; e n'esta religiosa vida viveram ambos em perfeita harmonia longos annos, porém sem terem filhos. Isto lhes era causa de grande humilhação e abatimento, porque entre os judeus se tinha por coisa affrontosa a esterilidade nos casados, attribuindo-se a seus peccados e vida pouco regular a falta de filhos, e reputando-se amaldiçoados os que não deixavam descendencia.

Servia isto de grande pena e desconsolo aos dois santos consortes, os quaes se encommendavam ao Senhor em fervorosas orações para que lhes concedesse fructo de benção, que os livrasse do desprezo que de todos recebiam. Oravam continuamente, derramando copiosas lagrimas, para que o Senhor os ouvisse; acompanhavam a oração de rigorosos jejuns, e acrescentaram a tudo um voto, em que prometteram a Deus dedicar-lhe o fructo que lhes nascesse.

Um dia Deus mandou a S. Joaquim um celeste embaixador, que lhe disse: —Joaquim, amigo de Deus omnipotente, eu sou enviado por sua divina e suprema magestade a consolar-te e livrar-te da pena, declarando-te que ouviu as tuas orações e supplicas, e viu as tuas afflições e angustias, pela injusta reprehensão e repulsa do sacerdote: adverte que o Senhor toma vingança do peccado e não da natureza, e se algumas vezes permite esterilidades, é para dar depois a prole melhorada com a graça, para que se conheça que a procreação dos filhos não provém da complacencia da carne, mas de beneficio de Deus; adverte que a successão que muito tempo se deseja e por muito tempo se supplica, sempre se concede com graça. Pelo que tua esposa conceberá e dará á luz uma filha, á qual porás o nome de Maria, e a dedicarás ao Senhor, no seu templo, como tens promettido, porque n'ella ha de operar o Eterno um admiravel mysterio, e será sempre assistida e adornada da graça do Espirito Santo. Não duvides do que te digo: volta a Jerusalem, e á porta Dourada encontrarás tua esposa, que receberá grande gosto com a tua vista, egual á pena que tem soffrido com a tua ausencia.

Dito isto, desapareceu o celestial Paranymphe: e Joaquim, que ao principio se assustára com a brilhante vi-

são, ficou summamente consolado com tão doces palavras e com a divina promessa. Alguns accrescentam que o anjo declarára tambem a S. Joaquim que d'aquella sua filha, sendo purissima donzella, havia de nascer o Messias promettido e tão desejado d'aquelle povo; porém dizem outros, que esta declaração lhe foi feita pouco antes da sua morte.

Ao mesmo tempo, achando-se não menos afflicta Santa Anna pela mesma causa, e pelo retiro e desgosto do seu esposo, attribuindo a si a culpa, a consolou o mesmo archanjo com similhante revelação e promessa, e com as mesmas circumstancias.

Partindo ambos para Jerusalem se encontraram á porta Dourada, conforme o angelico annuncio, com grande prazer de se verem depois de tão longa ausencia; e communicando um ao outro a sua alegria, e a divina promessa, foram ambos ao templo render graças a Deus por aquelle grande beneficio: satisfeito o que, com cordeal e enternecido affecto, voltaram para casa confiados no cumprimento da divina promessa, que teve feliz realisção d'alli a nove mezes.

E' impossivel explicar por palavras o que se passava nos corações de S. Joaquim e Santa Anna, vendo-se feitos paes da que havia de ser Senhora do Ceu e da terra, e Mãe do proprio Redemptor do mundo.

Gastavam todo o tempo em considerar no rico penhor que Santa Anna trazia no ventre, e em dar a Deus continuos louvores por tão singular mercê, esperando o dia em que havia de dar á luz tão excelsa filha, e tão desejada não só por elles, senão tambem por todo o mundo e pelos proprios anjos.

Chegou enfim a hora, e nasceu na cidade de Nazareth aquella bemdicta Menina, sobre a qual lançou Deus todas as benções, como destinada e preeleita para uma obra tanto do agrado de Deus.

Não obstante ser tão maravilhoso S. Joaquim, e serem tão grandes e excellentes as suas prerogativas e as de sua gloriosa esposa Santa Anna, e tão celebradas dos Santos Padres S. Jeronymo, S. Agostinho, S. João Chrysostomo, S. Epiphanio, S. João Damasceno, S. Bernardo e outros muitos antigos e modernos, por muitos seculos não fez commemoração d'elles a Igreja, não deixando de reconhecer os seus grandes merecimentos, mas talvez tendo-os por Santos da lei antiga; até que o Summo Pontifice Julio II, pelos annos de 1510 ordenou que se rezasse d'elles; e depois Gregorio XV, por occasião de ordenar que o dia de Santa Anna fosse festa de guarda de preceito em todo o mundo, mandou celebrar

tambem o santissimo Esposo com reza duplex, por decreto de 2 de dezembro de 1622.

D'aqui por diante começou S. Joaquim a ser mais conhecido e venerado, principalmente quando pouco depois o tomaram por empreza os veneraveis Marinha de Escobar e João de Jesus, principiando-se desde então a estender o seu culto e devoção por Hespanha e mais partes da Europa, e a experimentar a sua poderosa intercessão em prodigiosos favores.

A festa de S. Joaquim celebra se no domingo infra-octavo da Assumpção.

A ceia do Senhor

(Vid. pag. 67)

Por ser muito conhecida esta passagem da vida do nosso Redemptor, dispensa descripção.

RETROSPECTO

Cruz e Espada

Publicamos hoje em logar d'honra o brilhante discurso que o sr. conselheiro Emygdio Navarro pronunciou no sarau em favor das Irmãs das Missões Ultramarinas. E' um discurso que merece ser lido, não só pelo seu valor litterario, mas pelas affirmações francamente catholicas que o seu illustrado auctor faz.

Os calvinistas

Lemos no *Correio do Funchal*:

«Aportaram á Ponta Delgada (Açores) dois ministros protestantes para annunciarem a *Boa Nova* áquelles barbaros, açorianos, ainda mergulhados nas trevas do erro e na mais crassa ignorancia!

Ah! que bella observancia das leis do reino, que assim tolera d'estes trapalhões!»

Tem razão o collega: as leis sobre os assumptos religiosos, logo que não haja prejuizo para o thesouro, é letra morta no nosso paiz.

Uma medalha de Maria Auxiliadora

Vivia em Vinovo, aldêa proxima de Turim, uma joven chamada Maria Standero que teve a desgraça de perder completamente a vista. Anciosa de recobral-a, concebeu o pensamento de fazer uma peregrinação á igreja de Maria Auxiliadora e em 1869, em um sabbado do mez consagrado á Mãe de Deus, acompanhada de uma tia e de outra senhora, apresentou-se no templo.

Depois de breve oração perante a

imagem da Santissima Virgem e de receber a benção de Maria Auxiliadora, teve com D. Bosco na sachristia esta conversação:

—Quanto tempo ha que estaes enferma?

—Ha muito tempo, porém ha um anno que nada vejo.

—Consultastes algum medico? Que dizem e'les? Não vos teem dado algum remedio?

—Temos feito toda a especie de remedio sem o menor resultado, respondeu a tia; os medicos não dão a menor esperanza. E poz-se a chorar.

—Distinguis os objectos grandes dos pequenos?

—Não, senhor, nada distingo, absolutamente nada.

—Estaes vendo a luz d'aquella janella?

—Não, senhor, nada vejo.

—Quereis vêr?

—Senhor, sou pobre, preciso da visita para minha subsistencia, não hei de querer?

—Quereis os olhos para bem da vossa alma e não para offender a Deus?

—Prometto de todo o meu coração.

—Confiae na Santissima Virgem, ella vos curará.

—Espero, mas todavia estou cega.

—Haveis de vêr.

—Ver? eu?

Então D. Bosco com voz e gesto solemne exclamou:—Para gloria de Deus e da Bemaventurada Virgem Maria! dizei: o que tenho na mão?

A joven abriu os olhos, fixou-os no objecto que D. Bosco apresentava e exclamou:

—Vejo uma medalha da Santissima Virgem!

E mostrando D. Bosco o reverso da medalha:

—Que vedes n'este outro lado?

—Um ancião com uma vara cheia de flores: é S. José.

Renunciamos a descrever o que então se passou: só accrescentaremos que havendo Maria, a ex-pobre cega, estendido a mão para receber a medalha, esta cahiu no chão, rolando até um

canto da sachristia e a mesma Maria, por ordem de D. Bosco, procurou-a, com o que deixou todos perfeitamente convencidos da realidade da cura que foi tão completa quanto prodigiosa, porque Maria Stardero nunca mais soffreu dos olhos.

Cousa singular! A tia que a acompanhava ficou ao mesmo tempo sã de um rheumatismo agudo que a impedia de trabalhar.

Contra as queimaduras

Um doutor allemão acaba de descobrir um remedio contra as queimaduras, de tão maravilhosos resultados, que muitas notabilidades medicas resolveram substituir esta descoberta pelo oleo calcareo, unico medicamento empregado até agora por todos os facultativos em casos de queimaduras importantes.

O novo remedio é muito simples e, sobretudo, caseiro, pois reduz-se a formar um unguento com manteiga fresca e gemma d'ovos, bem misturadas.

Estende-se o unguento n'um pauno e colloca-se sobre a queimadura, renovando-se o medicamento quando principiar a seccar.

O effeito, segundo o inventor, é tal que immediatamente se deixam de sentir dôres e a cura faz-se em poucos dias, sem ficar cicatriz alguma.

Missões e missionarios

A França é o paiz que dá maior numero de missionarios para o Oriente, e tambem o que contribue com maior verba para as missões.

No fim do seculo passado ella tinha nos paizes remotos 300 missionarios, actualmente tem 62:000, a saber 13:134 sacerdotes, 4:500 catechistas, mestres escolas e enfermeiros e 42:300 irmãs de caridade de todas as congregações hospitaleiras, professoras, etc.

Ainda que a guerra é terrivel, atroz a perseguição, enorme os perigos, de certo o demonio não vencerá.

No anno de 1895 foram massacrados pelos infieis 135 missionarios ca-

tholicos, sendo 75 francezes e 7 alsacianos.

As receitas da obra da Propaganda da Fé subiram em 1896 a 6.332:686 francos. A França contribuiu com mais de metade d'esta quantia, 9.921:166 francos.

Um acto heroico

Nos tempos terriveis da grande revolução houve actos notaveis de heroismo a contrastar com os horrores sanguinarios d'essa epocha nefasta. Dos 131 Bispos que havia então em França, apenas 4 se prestaram a jurar a «Constituição Civil do Clero», entrando n'estes o celebre Talleyrand Perigord.

Do numerosissimo Clero secular e regular alguns tiveram essa fraqueza, mas houve 46:000 sacerdotes que preferiram seguir o caminho do desterro á deshonor d'um juramento, sacrilego.

E' realmente bello!

Processo para limpar morangos

Estamos na *estação* dos morangos e por isso como *actualidade* damos a seguinte receita para limpar da areia ou terra os morangos sem lhes tirar o perfume, como acontece com a lavagem. E' d'uma grande simplicidade. Collocam-se n'uma musselina molhada e fazem-se saltar repetidas vezes; a areia ou terra fica agarrada á musselina e os morangos não perdem nada do seu delicioso sabor.

A cura do alcoolismo pela maçã

Segundo annuncia um eminente medico allemão, as pessoas que luctam em vão contra a paixão pelas bebidas alcoolicas, podem curar-se radicalmente d'aquelle vicio, comendo maçãs a todas as refeições.

As maçãs absorvidas em grande quantidade fazem desaparecer a viva inclinação do alcoolico pelas bebidas brancas.

O medico allemão conta que realisou curas numerosas com tão simples remedio, o qual vae gradualmente infundindo ao bebedor uma grande repugnancia por todo o genero de licores, que tenham por base o alcool.

PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente
Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 13000 reis—Estados da Índia, China, e America, 13280 reis, moeda portugueza—
Numero avulso 100 reis

As assignaturas são pagas adiantadamente

Tudo o que se reíra ao PROGRESSO CATHOLICO deve ser enviado a Vicente Fructuoso da Fonseca, na rua da Picaria 74—PORTO.

Typ. Catholica de José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—Porto